

“Queremos um acordo definitivo”

por Vera Saavedra Durão
do Rio

O presidente do Banco Central, Francisco Gros, disse na sexta-feira, durante simpósio econômico de intercâmbio Brasil-Japão, que o governo brasileiro está bastante “cauteloso” em seu acerto com os credores externos, pois quer fechar um acordo da dívida externa “definitivo” com os bancos estrangeiros. E lembrou que, em 1988, foi feito um acordo, foram pagos US\$ 20 bilhões aos bancos e o acerto não durou mais que oito meses. Gros falou, dirigindo-se ao diretor-gerente do Banco de Tokyo, no Japão, Kaoru Hayama, que durante painel acontecido no simpósio cobrava o acerto da dívida com condição de retomada dos investimentos e da presença do capital japonês no Brasil.

Demonstrando certa irri-



Francisco Gros

tação, disfarçada diplomaticamente com leve sorriso, face as declarações do representante do Banco de Tokyo, Gros disse ser importante o estabelecimento de prioridades na conversa do governo brasileiro com os parceiros japoneses. “Se formos pagar a dívida externa, investir em infra-

estrutura, resolver nossas questões sociais, como recomendam, vamos gerar mais inflação e os senhores pleiteiam também menos inflação”, declarou. Segundo afirmou, o Brasil continuará a pagar um preço elevado pelo seu ajuste, “durante algum tempo”.

FMI

Gros explicou que a liberação da segunda parcela da linha de crédito de US\$ 2 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o Brasil está dependendo de conversa entre o Fundo e o governo brasileiro, para revisão das metas da carta de intenções. As metas são: acúmulo de reservas de US\$ 2 bilhões (“já alcançados”); déficit primário equivalente a 3% do PIB; déficit operacional de 2,5% do PIB; e necessidade de financiamento do setor público (“sobre controle”).